

CÍRIO FLUVIAL, CAMINHOS DE FÉ E MEMÓRIA A FESTIVIDADE DE SANT'ANA EM ÓBIDOS (PA)

Lidna Lima de Souza Lafayete

Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Centro (IFAM/CMC). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Presidente Figueiredo (IFAM/CPRF). E-mail: lidna.lafayete@ifam.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5627-5429>

Deilson do Carmo Trindade

Pós-doutorando, Doutor e Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manacapuru (IFAM/CMPU). E-mail: deilson@ifam.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8041-2133>

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência etnográfica sobre a Festa de Sant'Ana, em Óbidos (PA), com destaque para o Círio Fluvial realizado em 13 de julho de 2025. A análise situa a festividade no cruzamento entre memória coletiva, identidade cultural e devoção popular no contexto da Amazônia ocidental. A partir de uma abordagem qualitativa e da perspectiva da observação participante, examina-se como a procissão fluvial e os rituais religiosos articulam territorialidade, pertencimento e transmissão de saberes entre as comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas. O estudo revela que a festividade transcende sua dimensão religiosa para constituir-se como um espaço de afirmação cultural, de reencontro comunitário e de preservação da memória dos povos amazônicos. Mestres e mestras da cultura popular se fazem presentes nesse processo de criação e recriação das tradições, evidenciando a vitalidade do patrimônio imaterial da região.

Palavras-chave: Festividade de Sant'Ana; Círio Fluvial; Memória coletiva; Cultura popular; Amazônia.

Abstract: This article presents an ethnographic experience report on the Feast of Sant'Ana in Óbidos (PA), with emphasis on the Fluvial Procession held on July 13, 2025. The analysis situates the festivity at the intersection of collective memory, cultural identity, and popular devotion in the context of western Amazonia. Using a

qualitative approach and participant observation perspective, it examines how the fluvial procession and religious rituals articulate territoriality, belonging, and the transmission of knowledge among riverside communities of the Lower Amazon. The study reveals that the festivity transcends its religious dimension to constitute itself as a space of cultural affirmation, community reunion, and preservation of the memory of Amazonian peoples. Masters of popular culture are present in this process of creation and re-creation of traditions, evidencing the vitality of the region's intangible heritage.

Keywords: Feast of Sant'Ana; Fluvial Procession; Collective memory; Popular culture; Amazonia.

INTRODUÇÃO

No coração do oeste paraense, às margens do Rio Amazonas, está encravada a cidade de Óbidos, um lugar onde o tempo corre ao ritmo das águas barrentas e da memória coletiva. Com cerca de 52 mil habitantes, segundo o último censo do IBGE (2022), a cidade carrega em seu cotidiano uma combinação singular de história, fé, cultura e resistência que a singulariza no cenário amazônico.

Fundada oficialmente em 1854, mas já ocupada por portugueses desde o século XVII, Óbidos surgiu como ponto estratégico de defesa na parte mais estreita e profunda do Amazonas, um verdadeiro gargalo fluvial que, ainda hoje, impõe respeito às embarcações. Os colonizadores que ali chegaram batizaram a cidade em homenagem à vila medieval portuguesa, por sua semelhança nos relevos e na imponência natural. O Forte Pauxis, marco histórico do município, continua guardando as memórias desse passado militar e da formação do povo obidense (IPHAN, 2020).

É na articulação entre fé, memória e território que a Festividade de Sant'Ana se impõe como fenômeno cultural de primeira grandeza. Como evento estruturante da vida comunitária, ela mobiliza não apenas fiéis, mas agentes culturais, mestres e mestras da tradição que, ao longo de gerações, mantêm vivos os saberes, os rituais e as expressões que configuram a identidade do povo obidense. Trata-se, portanto, de uma manifestação que excede os limites do calendário religioso para se constituir como espaço de criação, transmissão e reafirmação cultural.

Este artigo tem como objetivo central analisar a Festividade de Sant'Ana, com ênfase no Círio Fluvial realizado em 13 de julho de 2025, a partir de uma perspectiva que articula memória coletiva, identidade cultural e cultura popular. A experiência aqui narrada é resultado de observação participante, escuta sensível e imersão no universo festivo-religioso obidense, em consonância com a proposta

desta edição da Revista ContraCorrente, voltada às festas populares e religiosas e aos processos de criação de seus mestres e mestras.

REFERENCIAL TEÓRICO: FESTA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA

A Festividade de Sant’Ana em Óbidos não se reduz a um evento datado no calendário litúrgico, ela constitui o amálgama da memória coletiva e da identidade do povo obidense. Conforme os postulados do sociólogo Maurice Halbwachs, a memória não é um arquivo estático, mas uma reconstrução contínua do passado operada pelas demandas e vivências do presente. No cenário do oeste paraense, o ritmo das águas barrentas do Rio Amazonas funciona como o compasso cronológico onde essa memória se atualiza e se consolida.

A cidade, marcada por uma história que remonta à ocupação portuguesa do século XVII e à fundação oficial em 1854, resguarda em monumentos como o Forte Pauxis as reminiscências de seu passado militar e de sua formação social. O retorno dos “filhos da terra” no período festivo reflete o que a literatura geográfica conceitua como “topofilia”, o elo afetivo e identitário entre as pessoas e o lugar. Como afirma Halbwachs (2013), as memórias se apoiam nos lugares, quando os indivíduos se reconectam com o espaço físico originário, eles reativam os laços comunitários e familiares que definem sua existência.

A festa popular religiosa tem sido reconhecida pelas ciências humanas como um campo privilegiado de investigação sobre a vida social e cultural dos povos. Para Brandão (1989), a festa é um momento em que a comunidade se recria, reafirma seus laços e renegocia suas representações coletivas. Não se trata de uma suspensão da vida cotidiana, mas de sua intensificação, um tempo em que o ordinário se torna extraordinário e o coletivo se sobrepõe ao individual.

No contexto amazônico, as festas de santos e santas padroeiras assumem uma dimensão particular. A imbricação entre catolicismo popular, cosmovisões indígenas e práticas afro-brasileiras resulta em manifestações híbridas e plurais, cuja riqueza reside exatamente nessa heterogeneidade constitutiva (Maués, 1995). O Círio Fluvial de Óbidos insere-se nessa tradição, apresentando especificidades que o distinguem de outras procissões amazônicas: a navegação pelo Rio Amazonas, a mobilização de comunidades ribeirinhas ao longo de toda a rota e a articulação entre o sagrado e a paisagem natural.

A memória coletiva, tal como conceituada por Halbwachs (2013), constitui um dos eixos interpretativos centrais para a compreensão dessas festas. Ela não é

um repositório estático do passado, mas um processo dinâmico de atualização do vivido, orientado pelas demandas e afetos do presente. Quando os fiéis de Óbidos retornam à cidade no período da festividade, eles não apenas celebram uma tradição, eles a reinventam, atualizam e carregam consigo para os lugares de onde vieram.

A noção de identidade cultural, por sua vez, relaciona-se ao modo como grupos e comunidades constroem narrativas sobre si mesmos a partir de elementos compartilhados como língua, território, história, religiosidade, festas (Hall, 2006). A Festividade de Sant'Ana funciona como um desses operadores identitários: ao participar do Círio Fluvial, os obidenses e obidenses-de-coração afirmam uma pertença que transcende a dimensão geográfica e se inscreve no plano simbólico e afetivo.

Por fim, a perspectiva dos mestres e mestras da cultura popular, tal como valorizada pelas políticas de patrimônio imaterial no Brasil (IPHAN, 2010), é fundamental para compreender como essas festas se perpetuam. São eles e elas os guardiões dos saberes-fazer que estruturam os rituais, os remeiros experientes que conduzem as embarcações, as mulheres que ornamentam os andores, os músicos que entoam as alvoradas, os rezadores que puxam as novenas. Sem essa transmissão viva de conhecimentos, a festividade perderia sua vitalidade e sua capacidade de transformar.

O SAGRADO, O RIO E A PAISAGEM FLUVIAL

Na Amazônia, o rio é rua, é sustento, e é também o espaço de manifestação do transcendente, é por suas águas que circulam pessoas, histórias, mercadorias, afetos e tradições que atravessam gerações. Os rios conectam comunidades, aproximam famílias e organizam o ritmo da vida cotidiana, tornando-se parte constitutiva da identidade amazônica. Mais do que elementos geográficos, eles representam caminhos de existência e permanência cultural.

Ao mesmo tempo, o rio assume uma dimensão simbólica e espiritual profundamente marcada pela experiência dos povos amazônidas. Em suas margens e correntezas, realizam-se procissões fluviais, promessas, celebrações religiosas e práticas de fé que unem o sagrado à natureza. O movimento das águas acompanha as expressões de devoção popular, transformando embarcações em espaços de oração, encontro e memória coletiva. Assim, o rio deixa de ser apenas meio de deslocamento e subsistência, tornando-se também território do sagrado, onde o humano busca conexão com o divino em meio à imensidão da floresta e das águas.

A análise da Festividade de Sant'Ana sob a ótica da Geografia da Religião revela a sacralização da paisagem natural. O Círio Fluvial transforma o leito do Rio Amazonas em uma grande nave eclesial a céu aberto, onde as embarcações, canoas e batelões assumem o papel de altares móveis adornados com velas, bandeiras e ramos.

Mircea Eliade (1992), em suas reflexões sobre o sagrado e o profano, aponta que o espaço sagrado possui uma dimensão orientadora: ele funda o mundo e dá sentido à existência humana, contrapondo-se ao caos do espaço profano envolvente. Em Óbidos, a Catedral de Sant'Ana, construída no topo da ladeira mais íngreme, atua como o *Axis Mundi* (o eixo do mundo) local.

A narrativa mítica de que o templo repousa sobre a “cabeça da cobra” simboliza a vitória do sagrado organizador sobre as forças caóticas da natureza. A imagem da padroeira posicionada no ponto mais alto, de braços abertos para os que chegam pelo rio, estabelece uma geografia de proteção e acolhimento que ressignifica as distâncias geográficas da calha do Baixo Amazonas.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E PERFORMANCE COMUNITÁRIA

A festa, em sua totalidade, configura-se como um patrimônio cultural imaterial, nos moldes defendidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Mais do que a materialidade dos templos, o patrimônio reside nos saberes, nos fazeres e nas celebrações que se estendem ao longo do mês de julho. Paul Connerton (1999), em seus estudos sobre como as sociedades lembram, destaca a importância das “performances corporais” e dos atos ritualísticos para a transmissão da memória social.

Nesse contexto, a Festa de Sant'Ana ultrapassa a dimensão estritamente religiosa e consolida-se como uma prática coletiva de preservação da memória e da identidade cultural amazônica. Os rituais, as procissões, os cantos, as novenas e as peregrinações fluviais constituem formas de rememoração social que reafirmam pertencimentos e fortalecem vínculos comunitários.

Cada gesto repetido anualmente, o acender das velas, os enfeites das embarcações, as rezas compartilhadas e os encontros familiares, carrega significados construídos historicamente, permitindo que diferentes gerações mantenham viva uma herança cultural que se atualiza no presente.

As contribuições de Paul Connerton ajudam a compreender que a memória coletiva não se sustenta apenas em registros escritos ou monumentos materiais,

mas sobretudo nas práticas incorporadas pelos sujeitos em seus cotidianos. Na Festa de Sant'Ana, os corpos em movimento, os trajetos percorridos pelo rio, os cânticos entoados em conjunto e as expressões de fé tornam-se mecanismos de transmissão de saberes e experiências. É por meio dessas práticas ritualizadas que a comunidade reafirma sua história, preserva valores e compartilha modos de viver que integram religiosidade, sociabilidade e cultura popular amazônica.

Além disso, a festa mobiliza uma rede de conhecimentos tradicionais que envolve a preparação dos alimentos, a ornamentação dos espaços sagrados, a construção de vínculos solidários e a organização comunitária necessária para a realização das celebrações. Esses saberes, muitas vezes transmitidos oralmente entre familiares e moradores mais antigos, revelam a riqueza do patrimônio imaterial presente na festividade. Assim, a Festa de Sant'Ana constitui-se não apenas como um evento religioso, mas como um espaço de resistência cultural e de continuidade das memórias coletivas de um povo profundamente conectado às águas, à fé e às tradições amazônicas.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, fundamentada na observação participante e na escuta sensível como instrumentos privilegiados de produção de dados. A observação participante, conforme Malinowski (1978), implica a imersão do pesquisador no universo investigado, buscando compreender os fenômenos a partir de dentro, não como espectador distante, mas como interlocutor ativo dos processos sociais e culturais em curso.

A experiência de campo foi realizada em Óbidos (PA), entre os dias 12 e 27 de julho de 2025, período que compreendeu o Círio Fluvial (13 de julho) e as demais atividades da Festividade de Sant'Ana. Durante esse período, foram realizadas observações sistemáticas dos rituais religiosos, registros em diário de campo, conversas informais com moradores, fiéis e participantes das comunidades ribeirinhas, além da participação ativa em procissões, novenas, alvoradas e celebrações populares.

A escuta sensível, tal como proposta por Barbier (2002), fundamentou a postura de abertura e disponibilidade afetiva adotada durante o campo, reconhecendo que as dimensões emocionais, estéticas e relacionais da experiência são constitutivas do conhecimento produzido, e não interferências a serem descartadas. Essa escolha metodológica implica uma ética de cuidado com os sujeitos e com a própria experiência de pesquisa.

Os dados produzidos foram analisados à luz do referencial teórico apresentado, com atenção às dimensões de memória, identidade, território e transmissão cultural que emergem da festividade. A narrativa etnográfica adotada neste artigo procura equilibrar o rigor analítico com a preservação da vivacidade e da riqueza dos elementos observados.

O CÍRIO FLUVIAL: FÉ, TERRITÓRIO E PERTENCIMENTO

Em 13 de julho de 2025, o Círio Fluvial de Sant'Ana partiu do município de Terra Santa, distante cerca de 117 km de Óbidos, com uma parada significativa na comunidade de Maria Tereza, ponto de embarque da imagem da padroeira em direção ao porto de Óbidos. O trajeto, de aproximadamente duas horas de navegação, reuniu dezenas de embarcações e milhares de fiéis, configurando o que se pode descrever como uma romaria aquática de dimensões amazônicas.

A procissão fluvial revela, de imediato, a centralidade do rio como elemento estruturante da vida e da cultura amazônicas. Não é possível compreender o Círio Fluvial sem compreender a relação que os povos ribeirinhos estabelecem com as águas, uma relação de dependência, respeito, medo e afeto que se expressa nas práticas cotidianas e se potencializa nos momentos festivos e rituais. O rio, aqui, não é apenas o palco da procissão: ele é personagem, mediador entre o humano e o sagrado.

À medida que a comitiva avançava rio abaixo, novas embarcações se incorporavam ao cortejo provenientes das comunidades ribeirinhas dispersas ao longo do Baixo Amazonas. Cada agregação representava não apenas um acréscimo numérico, mas a inclusão de histórias, promessas, devoções e pertencimentos específicos. Fogos de artifício cortavam o céu, e o rio se coloriu com velas, bandeiras, panos, ramos e adornos das canoas e batelões. Era, como observou um dos fiéis presentes, “o Baixo Amazonas inteiro se movendo em direção a Óbidos”.

A chegada ao porto de Óbidos foi marcada por uma intensidade emocional que transcendeu os limites da descrição objetiva. A imagem de Sant'Ana foi recebida com flores, palmas e lágrimas. A procissão terrestre que se seguiu conduziu a padroeira pela ladeira íngreme que leva à Catedral, construída no ponto mais alto da cidade, lugar de onde se avista o rio em sua extensão majestosa e, do outro lado das águas, a Costa Fronteira. A arquitetura do percurso processional, do rio à montanha, das águas ao alto, pode ser lida como uma metáfora da jornada espiritual que a festividade propõe aos seus participantes.

MESTRES E MESTRAS DA CULTURA: A TRANSMISSÃO VIVA DOS SABERES

Um aspecto central da Festividade de Sant'Ana é a presença ativa dos mestres e mestras da cultura popular, homens e mulheres que, ao longo de décadas ou de toda uma vida, acumularam saberes específicos sobre os rituais, as músicas, os adornos, as rezas e os modos de fazer que constituem a festa. Esses agentes culturais são, em grande medida, os responsáveis pela continuidade e vitalidade da tradição.

Durante o período de imersão em campo, foi possível observar e registrar diferentes formas dessa transmissão. Uma mulher de mais de 60 anos ensinava à neta os passos corretos para a ornamentação do andor; um remeiro experiente explicava aos mais jovens como posicionar a embarcação durante a procissão fluvial para manter a formação; uma rezadeira conduzia a novena com autoridade e intimidade, alternando entre o português formal das orações canônicas e expressões locais que tornavam o ritual mais próximo e vivo. Em cada um desses gestos, a festa se renovava e se perpetuava.

A Catedral de Sant'Ana, construída no que a lenda local chama de “cabeça da cobra”, referência a uma serpente mítica que repousa sob a cidade, funciona como o centro gravitacional de toda essa rede de saberes e práticas. Suas paredes, segundo os moradores, “contêm todas as orações já feitas ali”. Visitada várias vezes durante o campo, a cada visita ela revelava uma dimensão diferente: ora espaço de oração solitária, ora de novena coletiva, ora de contemplação silenciosa. A arquitetura da fé, poderia se dizer, se adapta às necessidades de quem a habita (Diocese de Óbidos, 2023).

As comunidades ribeirinhas merecem atenção especial nesse quadro, homens e mulheres que enfrentam longas jornadas pelos paranás e lagos do Baixo Amazonas para participar da festividade. Dormindo em canoas, cozinhando em fogareiros improvisados, cuidando com zelo da imagem que trazem consigo, encarnam uma forma de devoção que é, simultaneamente, prática cultural, afirmação identitária e exercício de resistência. A fé deles não se impõe com estrépito, ela resiste, silenciosa, como o curso do rio.

A FESTA COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA

A Festividade de Sant'Ana revela que ela opera como um dispositivo poderoso de produção e atualização da memória coletiva. Para muitos filhos e filhas

de Óbidos que vivem em outras regiões do país, o retorno à cidade durante a festividade é o momento em que a saudade ganha corpo, em que as raízes se tornam palpáveis. A festa, nesse sentido, funciona como um portal temporal, ela faz convergir passado, presente e futuro em um único espaço-tempo de celebração.

Os relatos coletados durante o campo ilustram essa função memorial com riqueza, um pescador narrou como sobrevivera a uma tempestade após prometer à Santa que, se voltasse vivo, faria o trajeto inteiro da procissão com os pés descalços, e como havia cumprido a promessa por décadas. Uma professora aposentada mostrou um álbum com fotos de gerações de familiares participando da festividade, cada foto uma camada de memória depositada sobre a anterior. Um menino de sete anos, ao ver a pesquisadora emocionada, ofereceu uma síntese que desafia qualquer aparato teórico: “É que Sant’Ana cuida da gente por dentro, por isso a gente chora”.

A cidade de Óbidos, durante a festividade, se transforma materialmente e simbolicamente, as ruas ganham altares improvisados, as casas se abrem para os visitantes, as praças se enchem de expressões culturais, apresentações folclóricas, cavalgadas, danças, feiras gastronômicas, que coexistem com as celebrações religiosas sem hierarquia rígida entre o sagrado e o profano. Essa porosidade entre as dimensões da festa é característica das festas populares amazônicas e contribui para sua capacidade de incluir e mobilizar diferentes grupos e sensibilidades.

O período noturno merece destaque particular, à noite, as ruas ganham nova vida, famílias inteiras se reúnem em frente às casas para rezar o terço e receber os visitantes, os sinos da Catedral comunicam informações que os habitantes mais antigos sabem decodificar, a luz das velas e dos fogos de artifício transforma a paisagem urbana em um cenário liminar, entre o cotidiano e o extraordinário. “Tudo parece dançar ao redor de Sant’Ana”, como expressou uma moradora, e não é difícil compreender o que ela queria dizer.

O ESPETÁCULO DAS NOITES DE SANT’ANA: SOCIABILIDADE, TRADIÇÃO E DEVOÇÃO PROFANA

Se as manhãs e tardes em Óbidos são dominadas pela solenidade litúrgica das missas, novenas e alvoradas, o pôr do sol nas margens do Amazonas anuncia uma transição onde o sagrado e o profano se abraçam em uma simbiose perfeita. Ao anoitecer, as ladeiras históricas e as praças públicas ganham uma nova e vibrante vida. A cidade se enche de luzes e sons, transformando-se em um verdadeiro show a parte, onde a cultura popular atinge o seu ápice.

As noites de Sant'Ana constituem um dos momentos mais aguardados da festividade, pois revelam uma dimensão da celebração marcada pelo encontro, pela convivência e pela expressão da cultura popular. Após os ritos religiosos, a cidade se reorganiza em torno das barracas, apresentações culturais, rodas de conversa e espaços de circulação coletiva. Famílias inteiras ocupam as ruas, crianças brincam pelas praças iluminadas e visitantes se misturam aos moradores locais em um movimento contínuo de sociabilidade que redefine temporariamente a dinâmica urbana de Óbidos. Nesse cenário, a festa deixa de ser apenas contemplação religiosa e transforma-se também em experiência comunitária compartilhada.

A musicalidade ocupa papel central nesse espetáculo noturno, os sons que ecoam pelas ruas, sejam eles provenientes de bandas locais, aparelhagens, grupos folclóricos ou apresentações tradicionais, produzem uma atmosfera de celebração que envolve toda a cidade. A música atua como elemento agregador, aproximando diferentes gerações e fortalecendo laços afetivos entre os participantes da festa. Ao mesmo tempo, evidencia a pluralidade cultural amazônica, marcada pela convivência entre tradições regionais e influências contemporâneas que coexistem harmoniosamente no espaço festivo.

As noites festivas também evidenciam a capacidade da celebração de integrar diferentes públicos e experiências sociais. Jovens, idosos, crianças, comerciantes, turistas e romeiros compartilham os mesmos espaços, ainda que motivados por interesses diversos. Alguns participam movidos pela devoção religiosa; outros, pela tradição familiar, pela convivência social ou pela busca do entretenimento. Essa multiplicidade de sentidos demonstra como a Festa de Sant'Ana extrapola os limites da religião institucional, tornando-se um fenômeno cultural amplo, capaz de reunir distintas formas de viver e experienciar a cidade.

Nesse contexto, o chamado “profano” não aparece como oposição ao sagrado, mas como extensão da própria experiência festiva. A alegria coletiva, os reencontros familiares, as conversas nas calçadas e o movimento intenso das praças integram uma dimensão humana da celebração que complementa os rituais religiosos. Em Óbidos, fé e festa coexistem de maneira indissociável, revelando uma tradição em que a espiritualidade se manifesta não apenas nos templos e procissões, mas também na convivência comunitária e na ocupação afetiva dos espaços públicos.

OS TRADICIONAIS LEILÕES E A ECONOMIA DA FÉ

O leilão de Sant'Ana é um dos momentos mais aguardados e calorosos da noite obidense, trata-se de uma dinâmica tradicionalizada onde a comunidade

oferta bens, que vão desde artesanatos locais e imagens sacras adornadas até produtos agrícolas e animais doados por produtores rurais da região, para serem arrematados pelos presentes.

O leiloeiro local, figura central dotada de uma retórica bem-humorada e cativante, dita o ritmo dos lances sob os aplausos e risadas do público que lota o entorno do pavilhão. Arrematar um produto no leilão não é um mero ato de compra comercial; é uma demonstração pública de apoio à paróquia, um gesto de agradecimento por graças alcançadas e, acima de tudo, um exercício de prestígio comunitário e solidariedade.

Os valores arrecadados são integralmente revertidos para a manutenção da própria festividade e para as obras sociais da diocese, fechando um ciclo onde a economia local se coloca a serviço da comunidade. Além de sua dimensão econômica, os leilões configuram-se como importantes espaços de interação social e fortalecimento dos vínculos comunitários.

Enquanto os lances acontecem, o público participa ativamente com comentários, brincadeiras e incentivos, criando uma atmosfera marcada pela descontração e pelo sentimento de pertencimento coletivo. O leilão transforma-se, assim, em um verdadeiro espetáculo popular, no qual a participação da comunidade é tão importante quanto os próprios itens ofertados. Nesse ambiente, tradição, humor e solidariedade se articulam de maneira singular, revelando a força da cultura festiva obidense.

Os produtos ofertados também carregam significados simbólicos que ultrapassam seu valor material. Muitos itens são resultado do trabalho cotidiano de agricultores, pescadores, artesãos e famílias locais que escolhem contribuir com aquilo que produzem, reafirmando relações de reciprocidade e devoção. A oferta de animais, colheitas e objetos confeccionados manualmente evidencia a estreita ligação entre a festa religiosa e os modos de vida amazônicos, nos quais trabalho, fé e comunidade permanecem profundamente entrelaçados.

Há ainda uma dimensão afetiva presente nos leilões, perceptível nas narrativas que acompanham determinadas doações. Em muitos casos, os bens ofertados representam promessas pagas, agradecimentos por curas, conquistas ou proteção recebida ao longo do ano. Dessa forma, cada objeto leiloado carrega consigo histórias pessoais e familiares que se incorporam à memória coletiva da festividade. O ato de doar torna-se, portanto, uma prática de expressão da fé e de reconhecimento da importância de Sant'Ana na vida da comunidade.

Sob essa perspectiva, os leilões podem ser compreendidos como manifestações de uma “economia da fé”, em que as relações econômicas não se restringem à

lógica comercial, mas se articulam a valores simbólicos, religiosos e comunitários. O dinheiro arrecadado circula em benefício da própria coletividade, fortalecendo tanto a continuidade da festa quanto as ações sociais desenvolvidas pela Igreja local. Assim, o leilão reafirma sua importância não apenas como entretenimento noturno, mas como mecanismo de cooperação social e preservação cultural dentro da dinâmica festiva de Óbidos.

O CLAMOR DOS BINGOS E AS BRINCADEIRAS POPULARES

Paralelamente, as mesas espalhadas pelas praças ficam repletas de famílias inteiras para o tradicional bingo beneficente. Idosos, jovens e crianças sentam-se lado a lado, segurando suas cartelas e pequenos grãos de milho ou feijão para marcar os números anunciados nos alto-falantes. O silêncio tenso que antecede o clamor das pedras sorteadas é quebrado abruptamente pelo grito entusiasmado de “Bati!”, seguido por palmas e brincadeiras entre os vizinhos.

Para as crianças, as noites são preenchidas por brincadeiras tradicionais e pelos pequenos parques de diversões montados temporariamente. Essa atmosfera resgata o espírito das antigas quermesses do interior da Amazônia, onde o tempo parece desacelerar para dar lugar ao convívio puro.

O anúncio dos números do bingo ecoa pelos alto-falantes como parte da própria trilha sonora das noites de Sant’Ana. Entre olhares atentos às cartelas e a expectativa crescente a cada pedra sorteada, cria-se um ambiente de suspense e descontração que mobiliza dezenas de pessoas ao redor das mesas espalhadas pelas praças.

Não raro, os erros na marcação ou os falsos alertas de vitória provocam gargalhadas coletivas, tornando o jogo um momento de espontaneidade e interação popular. A simplicidade da brincadeira contrasta com a intensidade emocional vivida pelos participantes, que acompanham cada rodada como um pequeno acontecimento comunitário.

Os prêmios ofertados, muitas vezes compostos por cestas, eletrodomésticos, produtos locais ou doações da própria comunidade, evidenciam novamente a lógica solidária que atravessa toda a celebração. Participar do bingo representa também contribuir com a manutenção da festa e das ações sociais da paróquia, integrando lazer e compromisso comunitário em uma mesma prática cultural. Nesse sentido, diversão e solidariedade coexistem de forma harmoniosa, demonstrando como as manifestações populares da festa mantêm vínculos profundos com os valores coletivos da comunidade de Óbidos.

Esse ambiente festivo resgata práticas de sociabilidade características das antigas quermesses amazônicas, nas quais o encontro entre as pessoas ocupava lugar central. Em meio à velocidade do mundo contemporâneo, as noites de Sant'Ana preservam uma temporalidade própria, marcada pelo convívio nas praças, pelas conversas prolongadas e pela valorização da presença coletiva. A festa transforma os espaços públicos em territórios de memória e partilha, reafirmando tradições culturais que resistem ao tempo e fortalecem a identidade comunitária.

Em meio a esse cenário, percebe-se como as brincadeiras populares mantêm viva uma forma tradicional de lazer comunitário cada vez mais rara nas grandes cidades. A Festa de Sant'Ana preserva experiências simples, mas carregadas de significado social e afetivo, nas quais o entretenimento está profundamente associado à convivência humana. Mais do que diversão, as noites festivas revelam modos de viver e de celebrar que continuam sustentando a memória cultural e o imaginário popular obidense.

A GASTRONOMIA TÍPICA: OS SABORES DA TERRA

Outro aspecto marcante das noites de Sant'Ana é a valorização da culinária regional como expressão de identidade cultural. As barracas espalhadas pelas praças e ruas oferecem comidas típicas que mobilizam memórias afetivas e reafirmam saberes tradicionais transmitidos entre gerações. O cheiro do tacacá, da maniçoba, dos peixes assados e dos doces regionais mistura-se ao movimento intenso da cidade, criando uma experiência sensorial profundamente ligada ao pertencimento amazônico. Comer durante a festa não representa apenas uma necessidade cotidiana, mas um ato de partilha e convivência que fortalece os vínculos comunitários.

O aroma que emana das barracas montadas nas praças públicas desenha um mapa sensorial inconfundível da identidade paraense. As feiras gastronômicas transformam a noite em um banquete de cores e sabores nativos como o Tacacá, o Pato no Tucupi e a Maniçoba. Servido fervendo em cuias artesanais, o tacacá, com seu caldo de tucupi amarelado, goma de mandioca, camarão seco e folhas de jambu, provoca o famoso tremor nos lábios dos visitantes e moradores.

O pato no tucupi também se destaca como prato principal das reuniões familiares, os peixes da região como o tambaqui, o jaraqui e o tucunaré são servidos fritos ou assados na brasa, acompanhados da insubstituível farinha de mandioca d'água (crocante e grossa), típica do Baixo Amazonas. Doces e bebidas de frutas nativas, os bombons e doces caseiros de cupuaçu, bacuri, murici e castanha-do-

-pará adoçam o paladar dos devotos após as celebrações religiosas, funcionando como um elo entre a biodiversidade da floresta e a culinária festiva.

Entre os sabores que marcam as noites de Sant'Ana, a maniçoba ocupa lugar de destaque como símbolo da culinária tradicional amazônica e da memória afetiva coletiva. Preparada lentamente ao longo de vários dias, a iguaria reúne folhas de mandioca brava trituradas e diversos tipos de carnes, exigindo conhecimento culinário transmitido entre gerações.

Durante a festividade, seu aroma espalha-se pelas ruas e barracas, atraindo moradores e visitantes que encontram no prato não apenas alimento, mas também uma experiência cultural profundamente ligada à identidade paraense e amazônica. Compartilhar a maniçoba durante a festa representa um gesto de acolhimento e convivência, reforçando os laços comunitários que fazem da celebração de Sant'Ana um espaço de encontro entre fé, tradição e pertencimento cultural.

APRESENTAÇÕES CULTURAIS E DANÇAS FOLCLÓRICAS

O palco principal da praça transforma-se no epicentro das manifestações artísticas locais, grupos de carimbó, com suas saias coloridas, compridas e rodadas, ditam o ritmo frenético dos tambores (curimbós) e das flautas, convidando moradores e turistas a dançarem descalços. As danças folclóricas, as quadrilhas estilizadas e as encenações teatrais, que muitas vezes recontam as lendas da região, como as histórias da cobra grande e os mitos que habitam o imaginário ribeirinho, envolvem a juventude local na manutenção das tradições.

Mais do que entretenimento, as apresentações culturais funcionam como espaços de afirmação identitária e disputa simbólica sobre quais memórias devem permanecer vivas na cidade. Cada dança, figurino ou encenação carrega marcas da formação histórica amazônica, evidenciando influências indígenas, caboclas e ribeirinhas que resistem mesmo diante dos processos de homogeneização cultural impostos pela lógica globalizada. Nesse sentido, o palco da festa torna-se também um lugar de resistência cultural, onde a comunidade reafirma publicamente suas referências, linguagens e modos próprios de existir.

A participação da juventude nas quadrilhas, grupos de dança e peças teatrais revela ainda um importante processo de continuidade geracional. Os ensaios que antecedem a festividade mobilizam bairros inteiros, fortalecem vínculos entre os participantes e produzem experiências coletivas que extrapolam o espetáculo apresentado ao público. Jovens que muitas vezes convivem cotidianamente com referências culturais externas encontram, nesses grupos, formas de reconexão

com narrativas locais e com elementos da cultura amazônica que compõem sua própria identidade social.

Ao ocupar as praças históricas com música, dança, a Festividade de Sant'Ana também ressignifica os espaços urbanos de Óbidos. As ruas deixam de ser apenas locais de circulação cotidiana e assumem temporariamente a função de cenário cultural coletivo. A cidade passa a ser experienciada não apenas como território físico, mas como espaço de produção de memória, pertencimento e expressão popular. Nesse contexto, a festa evidencia como cultura e religiosidade se articulam para construir sentidos compartilhados sobre o que significa viver e celebrar na Amazônia.

As fachadas das casas históricas, iluminadas por luzes festivas, servem de moldura para esse cenário de pura sinergia humana. Isso prova que a Festividade de Sant'Ana em Óbidos é uma experiência totalizante, ela alimenta a alma pela fé católica e celebra a vida através da cultura popular

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Festividade de Sant'Ana em Óbidos (PA) configura-se como um fenômeno social total, no qual as dimensões da fé, da ancestralidade, da territorialidade e da cultura popular se entrelaçam de forma indissociável. A partir das vivências registradas no Círio Fluvial e nas dinâmicas que ocupam a cidade, os resultados revelam que a festividade ultrapassa a mera execução de um calendário litúrgico, atuando como o núcleo estruturante da identidade e da memória coletiva local.

Os dados de campo demonstram que a chegada do mês de julho transforma radicalmente a geografia de Óbidos. A cidade, caracterizada por suas ladeiras íngremes que conduzem à Catedral de Sant'Ana, passa a operar sob uma nova lógica temporal e espacial. O cais do porto e o Rio Amazonas deixam de ser apenas vias de transporte e subsídio econômico para se tornarem o palco da consagração do sagrado.

Esse vínculo profundo entre o povo obidense e o seu território reverbera diretamente o conceito de toponímia proposto por Yi-Fu Tuan (1980). A relação afetiva com o lugar é explicitada no retorno massivo dos “filhos da terra” que hoje residem em outras regiões e retornam movidos por uma saudade que só se ameniza à beira do cais. O espaço físico de Óbidos, o cheiro do rio, a brisa das águas e o desenho das ruas, atua como um gatilho mnemônico e afetivo.

Como preconiza Tuan, o espaço transforma-se em lugar à medida que é dotado de valor e imbuído de sentimentos humanos, algo visível quando a cidade de-

sacelera, respira com mais intensidade e se mostra viva e pulsante. O Círio Fluvial, que partiu de Terra Santa e percorreu cerca de 117 km pelo Rio Amazonas, desenha uma verdadeira romaria aquática.

A transformação do rio em um espaço sagrado vai ao encontro das teses de Mircea Eliade (1992) sobre a manifestação do transcendente (hierofania). Ao colorir as águas com velas, bandeiras, panos e adornos nas canoas, as comunidades ribeirinhas e urbanas rompem com a homogeneidade do espaço profano, instaurando uma ordem sagrada que orienta a vida comunitária.

Ao atingir a malha urbana, a procissão terrestre direciona-se para o ponto mais alto da cidade: a Catedral de Sant'Ana. Na perspectiva de Eliade, a igreja funciona como o Axis Mundi, o eixo central que conecta a terra ao divino. Essa centralidade cósmica e protetora é reforçada pela lenda local de que a igreja foi erguida sobre a “cabeça da cobra”. Longe de ser apenas um folclore isolado, o mito da serpente subterrânea expressa a necessidade simbólica de domesticar as forças caóticas da natureza e do desconhecido através da fixação da padroeira no topo do relevo urbano.

A imagem de Sant'Ana, estabelece um limite sagrado de proteção que acolhe e vela pelos seus filhos. Nas visitas à Catedral, o silêncio do templo e a imponência de suas paredes parecem reter todas as orações já feitas ali, validando a paróquia como o centro geográfico e espiritual da comunidade. A análise dos discursos dos atores sociais interceptados durante a festividade fornece uma base empírica contundente para compreender a manutenção desse patrimônio imaterial.

De acordo com Maurice Halbwachs (2013), a memória coletiva é preservada e reconstruída através de quadros sociais que mantêm as lembranças vivas e funcionais. Em Óbidos, esses quadros são alimentados pela oralidade, pelo afeto e pela repetição ritualística da festa. A transmissão intergeracional da fé, observada na senhora de quase 80 anos amparada pela neta ou na percepção teológica espontânea do menino de sete anos, valida a perenidade desse patrimônio vivo.

Quando a idosa afirma com convicção que prometeu que viria mais uma vez e que Sant'Ana a trouxe, e a criança complementa de forma poética que Sant'Ana cuida da gente por dentro e por isso as pessoas choram, percebe-se que o sentimento de pertença é transmitido por osmose afetiva e convivência diária. Essa ativação da memória social requer um engajamento que se materializa nas práticas descritas por Paul Connerton (1999) como performances corporais e rituais de incorporação.

A memória coletiva não reside apenas no intelecto, mas é encenada e reatualizada por meio do corpo e da ação física. Desse modo, a performance comunitária

envolve o sacrifício e o esmero físico, os pescadores que pagam promessas descalços, os ribeirinhos que enfrentam longas jornadas e dormem em seus batelões, e as famílias que ornamentam os andores. Todos esses elementos evidenciam que a cultura local é uma costura fina de afetos, religiosidade e tradição oral.

O pescador que caminha descalço após sobreviver a uma tempestade no rio e os povos ribeirinhos que viajam dias, cozinham em fogareiros improvisados e ze-lam por suas pequenas imagens domésticas realizam uma travessia que, conforme a observação de campo, é mais espiritual do que física. A resistência silenciosa dessas populações assegura que a tradição centenária permaneça contemporânea.

Um dos achados mais significativos desta investigação reside na constatação de que a festividade não se encerra nas obrigações litúrgicas das missas, novenas e alvoradas. Ao anoitecer, a Praça da Catedral e as vias adjacentes convertem-se em um espaço de sociabilidade profana onde a devoção se expressa por meio da festa popular. Essa interface entre o altar e a praça é fundamental para a sustentabilidade e vitalidade do patrimônio cultural.

Os tradicionais leilões de Sant'Ana ilustram uma economia da fé baseada na reciprocidade e no desprendimento comunitário. Os bens arrematados, desde artesanatos locais a produtos da lavoura e da pecuária doados pelos devotos, ganham um valor que extrapola a precificação de mercado. O ato de dar lances sob o comando do leiloeiro configura-se como um ritual de agradecimento e de prestígio social, onde o ganho financeiro é revertido para a própria manutenção da estrutura eclesial e das ações sociais da paróquia.

O mesmo princípio de comunhão aplica-se aos bingos beneficentes, nos quais mesas repletas de famílias partilham grãos de milho e feijão na marcação das cartelas, transformando o jogo em um pretexto para o fortalecimento dos laços de vizinhança. A gastronomia típica comercializada nas barracas, o tacacá fervendo nas cuias com o tremor característico do jambu, o pato no tucupi, a maniçoba apurada, os peixes fritos como o tambaqui e o jaraqui guarnecidos com a farinha d'água grossa e os doces artesanais de cupuaçu, murici e castanha, desenha um mapa sensorial da Amazônia.

Comer na praça após a reza do terço converte-se em um ato ritualístico de partilha da identidade territorial. Por fim, as apresentações culturais, as brincadeiras de quermesse e a dança do carimbo, com seus tambores marcantes e saias coloridas e rodadas que arrastam moradores e visitantes para o centro do espaço público, coroam a noite como um show à parte.

Esse dinamismo noturno demonstra que a cultura obidense se reinventa na festividade. O profano e o sagrado não se anulam; ao contrário, harmonizam-se

na celebração daquilo que torna o povo humano e solidário, consolidando a Festividade de Sant'Ana como uma memória viva e uma experiência indestrutível de enraizamento cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um fenômeno cultural de rara complexidade e vitalidade, a Festividade de Sant'Ana em Óbidos (PA) destaca-se pela profunda articulação entre fé, memória, tradição e cultura popular amazônica. Ao articular dimensões religiosas, territoriais, memoriais e identitárias, ela se revela muito mais do que um evento do calendário litúrgico: é um momento em que a comunidade se recria, se reconhece e se fortalece. O Círio Fluvial, coração simbólico da festividade, materializa essa potência ao transformar o Rio Amazonas em espaço de fé coletiva e de afirmação da cultura amazônica.

Os mestres e mestras da cultura popular são os guardiões ativos desse processo. Sem a transmissão viva de seus saberes, sobre os rituais, as músicas, os adornos, as rezas, as narrativas, a festividade perderia a seiva que a mantém vigorosa ao longo dos séculos. A atenção a esses agentes culturais é, portanto, não apenas um imperativo acadêmico, mas uma necessidade ética para quem se propõe a compreender e valorizar o patrimônio imaterial amazônico.

Este artigo, nascido de uma experiência de imersão e de escuta sensível, não pretende esgotar a riqueza do fenômeno analisado. Ao contrário, aspira a abrir caminhos para pesquisas futuras que aprofundem as dimensões aqui apenas esboçadas. A relação entre devoção popular e resistência cultural, os processos de transmissão de saberes entre gerações, o papel das comunidades ribeirinhas na construção do patrimônio imaterial amazônico. Óbidos e sua festa merecem e demandam muito mais.

Encerro com as palavras que o próprio campo me ofereceu, ainda que indiretamente: em Óbidos, a fé não grita, ela resiste, silenciosa e persistente, como o curso do rio que dá nome e vida à região. Um rio que não cessa, que leva e traz, que testemunha o eterno retorno daqueles que, um dia, foram tocados pela graça de pertencer, ainda que por um instante, a esse milagre chamado Amazônia.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo de preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFMG, 1985.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. São Paulo: Difel, 1999.

DIOCESE DE ÓBIDOS. **Catedral de Sant’Ana, em Óbidos, completa 196 anos!** Óbidos, PA, 8 fev. 2023. Disponível em: <https://diocesedeobidos.com.br/catedral-de-santana-em-obidos-completa-196-anos/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2022: resultados preliminares — população por município**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/obidos.html>. Acesso em: 12 jul. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Forte de Óbidos (Forte Pauxis)**. Brasília: IPHAN, 2020. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/obidos-forte-da-vila-de-obidos>. Acesso em: 12 jul. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio imaterial: política e instrumentos de salvaguarda**. Brasília: IPHAN, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico**. Belém: Cejup, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ÓBIDOS. **História do município de Óbidos**. Óbidos: Prefeitura Municipal, 2024. Disponível em: <https://obidos.pa.gov.br/o-municipio/historia/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.